

Acidentes de trabalho e dificuldades para atender feridos no início da construção da capital ficaram na memória de médicos pioneiros

50 ANOS DA CONSTRUÇÃO



FORMADO NO RIO DE JANEIRO, O ORTOPEDISTA EDSON PORTO (E) DESEMBARCOU NO CERRADO EM 4 DE DEZEMBRO DE 1956, PARA FICAR SÓ TRÊS MESES: NÃO SAIU MAIS DA NOVA CAPITAL

EM RITMO DE GUERRA

CONCEIÇÃO FREITAS
DA EQUIPE DO CORREIO

Um dos mais graves acidentes de trabalho ocorridos durante a construção de Brasília ficou protegido na memória do médico Isaac Barreto Ribeiro por quase meio século. Só agora ele resolveu entregar à história os fatos que se seguiram.

Numa noite de um dos primeiros meses do ano de 1957, ele foi chamado para fazer autópsia em sete corpos de operários. Os homens haviam sido soterrados por uma barreira numa obra da Construtora Pacheco Fernandes. Os corpos foram colocados no chão de tábuas de um barracão do IAPI (sigla de Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários). O lugar foi iluminado com um lampião a querosene, um Petromax, muito usado no interior do país.

“Me chamaram para fazer a autópsia. Não tinha Instituto Médico Legal, era tudo naquele barracão do IAPI. Enquanto eu ia abrindo o tórax dos corpos para verificar a causa da morte, vi que tinha um homem atrás de mim assistindo a tudo. Continuei a abrir o pulmão dos corpos e só ia encontrando terra. Quando terminei, fui cumprimentar o homem. Era um homem todo fardado, todo engalanado, de verde-oliva, um coronel” — conta Isaac Barreto Ribeiro, hoje com 82 anos. “Posso dizer que fui o primeiro legista de Brasília”, diz, meio de brincadeira, meio de bazófia.

Da história em si, não há por que se divertir. Sete operários mortos nos pri-

meiros dias da construção da nova capital, um vigilante coronel do Exército acompanhando a autópsia e um silêncio absoluto sobre o ocorrido — o que só foi possível porque ainda eram poucos os operários na cidade em início de construção. Doutor Isaac não contou o episódio nem para a mulher, Clotilde. “Para que passar para ela o peso de um segredo que eu é que tinha de carregar?” Isaac Ribeiro não foi informado do destino dado aos corpos.

Médico vindo de Goiânia, por intermédio de um convênio com o governo federal, para prestar atendimento aos primeiros candangos, Edson Porto diz que não se recorda do episódio. “Lembro somente de um operário que caiu de um andaime e foi levado para Goiânia, mas não morreu.” (Porto foi o primeiro diretor do Hospital do IAPI, mais tarde Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, o HJKO, hoje transformado em Museu da Memória Candanga.)

Decisão angustiante

De todo modo, Edson Porto e Isaac Ribeiro têm uma mesma lembrança: a dos muitos acidentes de trabalho ocorridos desde o começo da construção. O primeiro ortopedista de Brasília só conseguiu trabalhar durante 30 dias. Ao final do mês, estava em condições físicas tão debilitadas que precisou de férias emergenciais. “Liguei para o IAPI no Rio e pedi a eles que me mandassem dois ortopedistas para substituí-lo”, conta Porto. Eram muitos os casos de fraturas. Porém, maiores eram os de

sutura. De operários que se cortavam com as ferramentas. Ribeiro fez um convênio com as construtoras para atender os feridos.

Numa madrugada, em janeiro de 1956, período ainda chuvoso, Isaac Ribeiro acordou com gente aflita batendo à porta de seu pequeno hospital de campanha. Havia um homem morrendo numa valleta. Para escapar de uma capotagem iminente, o caminhoneiro foi atropelado por uma das rodas traseiras ao pular do caminhão. A perna do candango estava em frangalhos. Levaram-no para o hospital do IAPI, que ainda não tinha sido inaugurado.

“Foi a decisão mais angustiante da minha vida. Se não amputasse a perna daquele homem, ele iria morrer na minha mão. Não havia como suturá-la. Eram muitos os ferimentos e ele estava sangrando havia horas. Não tínhamos nenhuma condição para aquela cirurgia de grande porte, mas era preciso fazê-la”, conta Isaac Ribeiro. Decidiu pela amputação. Chamou um estudante de medicina que acabara de chegar, Cláudio Costa, o diretor do hospital, Edson Porto, e uma enfermeira.

Não havia anestesiologista. Usaram uma máscara de Ômbredane, na qual se injeta éter que produz efeito narcótico no paciente. Costa ficou monitorando a máquina, ao mesmo tempo em que Porto retirava das caixas os instrumentos ainda embalados (à espera da inauguração do hospital) e imediatamente os esterilizava com álcool em chamas, como se os estivesse flambando.

Com dois movimentos decisivos, Isaac Ribeiro seccionou a perna direita do paciente um pouco abaixo do quadril. Os dois talhos têm um nome na medicina: à la turca, técnica usada em situação de guerra, que ele havia aprendido na Santa Casa de Belo Horizonte com o médico Borges da Costa, que havia atuado na 2ª Guerra Mundial. Salvo o paciente, passado o período de recuperação, o homem pôde usar uma prótese. “Eu o encontrei umas duas vezes em Brasília.”

Os dois primeiros médicos da nova capital vieram para cá movidos por ambições distintas. Ribeiro era um mudancista insistente. Tão logo soube que Juscelino Kubitschek iria mesmo construir a nova capital, botou seu hospital dentro de uma Rural Willys e veio de Ceres (GO) para Brasília. Chegou aqui a 1º de janeiro de 1957.

Médico formado no Rio de Janeiro, Porto desembarcou no cerrado em 4 de dezembro de 1956. Ofereceu-se para o sacrifício de vir cliniciano em Brasília, por três meses. E em troca pediu um consultório no novo hospital que estava sendo construído em Goiânia. Veio e não voltou mais. Depois de passar 20 dias no Catetinho, finalmente pôde se instalar no seu posto médico — um barracão de madeira de 40 metros quadrados, dois cômodos, um de atendimento e outro onde ele dormia. Até então, Brasília resumia-se a uma casa velha de fazenda, um palácio de tábuas, um galpão da Novacap e meia dúzia de barracas de lona.

Primeira clínica

No próximo 1º de janeiro faz 50 anos que Isaac Ribeiro chegou a Brasília. Vinha de Ceres e trazia, numa Rural Willys, alguns instrumentos e equipamentos de trabalho — entre eles um aparelho de raios X portátil. Pretendia montar a primeira clínica médica da nova capital. E assim fez. No cruzamento da atual Avenida Central com a Travessa Dom Bosco, ergueu seu barracão de madeira. Era o Centro-Cirúrgico de Brasília.

Tanto um quanto outro tiveram que lidar com um surto comum à época em locais de grande concentração de homens: as doenças venéreas. Edson Porto conta que, ao primeiro indicio de que os casos de blenorragia estavam aumentando, rumou para Luziânia, onde havia a zona de prostituição mais próxima.

Soube que, se antes eram quatro as mulheres do lugar, com a chegada dos candangos o número tinha subido abruptamente para 40. Decidiu, então, por uma profilaxia em massa: aplicou uma alta dose de Benzetacil em todas elas e prometeu voltar em uma semana para nova injeção. Só pode fazê-lo em meia dúzia. As demais desapareceram reclamando que o medicamento, aplicado no bumbum, tinha deixado todas elas fora de combate por preciosos dias. A medicina havia impedido o prazer dos operários. Mas não por muito tempo. Em poucos dias, a penicilina libertou as mulheres e os homens para o sexo.

“ME CHAMARAM PARA FAZER A AUTÓPSIA. NÃO TINHA INSTITUTO MÉDICO LEGAL, ERA TUDO NAQUELE BARRACÃO DO IAPI. (...) CONTINUEI A ABRIR OS PULMÕES DOS CORPOS E SÓ IA ENCONTRANDO TERRA.”

Isaac Barreto Ribeiro, médico, sobre a terrível morte de sete operários em 1957